

## Do tempo, da morte e da ilusão do real, nos diálogos de Frei Heitor Pinto

Era um humanista de raça, Frei Heitor Pinto. Enfronhado em erudição antiga e moderna, sobretudo italiana, tinha uma maneira muito sua de filosofar, mais sabedoria do que cerebralismo, dialogando a sério sobre o tempo e a essência dos seres-sombras da caverna de Platão.

Apesar de alheio ao tumulto e bastante inclinado à vida retirada, não excluía da vida ideal a doçura tranquila da amizade, escrevendo acerca dela um largo diálogo a quatro personagens: um jurista, um médico e um negociante, todos à mesa duma estalagem de Toledo<sup>1</sup>. São estas páginas que o introduzem no círculo simpático de Cícero, Santo Agostinho, Cassiano, Cassiodoro e Aelredo de Rieval († 1166).

A sua mundividência (referimo-nos a Frei Heitor Pinto) está marcada pela presença da morte e pela intuição subtil de que a realidade temporal tem o seu quê de ilusão ou sombra, exactamente por ser temporal, entre o ser e o não ser.

Mergulhados, assim, num reino-de-fazer-de-conta, transforma-se a nossa vida em teatro e sonho. Nas coisas deste mundo, como ser rei, mendigo ou conde, mais representamos do que somos. À hora da morte, descemos do palco e largamos a farpela de actores, porque ninguém leva a coroa para o outro mundo.

Nesta atmosfera germinaram, por exemplo, *La Vida es Sueño* e *El Gran Teatro del Mundo*, de Calderón de la Barca († 1681). Tratava-se, aliás, duma fermentação comum a quase toda a Cristandade, pois verificamos o mesmo em Shakespeare († 1616), para

---

<sup>1</sup> FREI HEITOR PINTO, *Imagem da Vida Christã*, Lisboa 1681, pp. 401-504.

não falarmos doutros autores do séc. XVI ou XVII. No *Hamlet*, vemos o príncipe da Dinamarca, já empurrado pelo «meirinho da morte», dirigir-se aos «mudos actores ou espectadores apenas desta fatal peça». Ora, tal peça, embora a vejamos presentemente no palco, desenrolava-se então, nua e crua, na corte da Dinamarca, alheia a qualquer ficção. Desenrolava-se ou fingia-se desenrolar. E no *Macbeth*:

Out, out, brief candle!  
 Life's but a walking shadow, a poor player  
 That struts and frets his hour upon the stage  
 And then is heard no more (V, 5).

Extingue-te, candeia breve! A vida não passa duma sombra caminheira, pobre actor que se pavoneia no palco, está lá o tempo do seu papel e, depois, nunca mais ninguém o ouve!

De facto, candeia breve é a vida, sombra passageira, dentro e fora unida ao tempo. Com ele nasce e com ele vai morrendo. E no fim, só a alma do homem se escapa. E quem tivesse ânimo para fazer versos nessa hora incerta, ou ao menos para os recitar, poderia repetir a graciosa e poética despedida que Elio Sparziano põe nos lábios moribundos do imperador Adriano:

Animula, vagula, blandula,  
 Hospes, comesque corporis,  
 Quae nunc abibis in loca?  
 Pallidula, rigida, nudula  
 Nec, ut soles, dabis jocos.

As coisas nunca *estão*, insiste Frei Heitor Pinto. Correm. Dizer «estado de Príncipes, estado de nobres, estado de plebeyos» supõe não reparar que tudo passa: «nenhã cousa do mundo está». O homem foge como uma sombra mudável e inconstante, diz Job. É um fluir contínuo que transforma o real em figura: «não como substância, mas como imagem della; não como cousa sólida e maciça, mas como vã e caduca».

Na verdade, «as cousas do mundo não são substancias estantes, mat figuras que passam». Ou, como diz mais adiante, «figuras ou estátuas transitórias de substancias», sonhos e sombras.

Neste caso, concluímos nós, viver equivale a sonhar, agitar-nos entre fantasias enganosas. Em Frei Heitor Pinto, pressentimos Calderón de la Barca, antes de ele ter nascido. E o frade jerónimo recorda as palavras de Tertuliano: «quantas (coisas) há neste mundo são imaginárias e nenhũa que seja de verdade». Em rigor, só Deus é. Por isso disse ele a Moisés: «Eu sou o que sou».

Claro que S. Tomás de Aquino e a doutrina escolástica falam-nos de substâncias e acidentes. E com razão. Porém, comparada com Deus, a substância é menos que acidente. Aliás, o ser das coisas não lhes pertence mas, sim, a Deus. Dele participamos, à maneira de sombra que é e não é. Entramos, assim, no platonismo, pela mão de Jâmblico: «Iamblico, Philósofo Grego, naquella obra que fez, chamada a sua cova, onde elle copiosamente exprimio a doutrina de Platão, mostra que as cousas do mundo não são mais que hũas sombras, e que não as tem por cousas e substancias realmente senão os que vivem tão enganados que levão a opinião por guia»<sup>2</sup>.

Que é a vida humana? Bolha de água que logo se desfaz, escreve Luciano no *Diálogo de Caronte*. Sonho de sombra, diz Píndaro. Momento breve, acrescenta Séneca, ou simples ponto sem extensão verdadeira. Por silenciosos caminhos, cada hora conduz-nos à morte. Viver é des-viver: «Todo o tempo que se vive se tira do espaço da vida e cada vez fica menos o que mais fica; de maneira que nenhũa outra cousa he o tempo da vida que hũa carreira para a morte, na qual se não permite ninguem estar nem deter-se, senão correr igualmente, que tão depressa corre o que vive cincoenta annos como o que vive não mais que hum. O que mais vive não anda mais de vagar, mas anda mais caminho. Isto he do glorioso Santo Agostinho»<sup>3</sup>.

Nunca devemos perguntar *como estais?*, mas sim *como passais?* Com efeito, viver é ir passando, pois, no momento em que vivemos, passamos. Não cresce a vida. Diminui. A vida por viver, entende-se. A vida vivida cresce. Mas essa já não existe, a não ser nas sombras das sombras da memória<sup>4</sup>. Ou então nas boas obras que vamos fazendo, o que é maneira de dizer que as boas obras vão connosco<sup>5</sup>, levadas também na grande vaga do tempo, até à outra margem do grande rio.

<sup>2</sup> *Ib.*, p. 9.

<sup>3</sup> *Ib.*, p. 11.

<sup>4</sup> *Ib.*, pp. 7-13.

<sup>5</sup> *Ib.*, p. 72.

Desta forma, ser é ir des-sendo. Existir no tempo equivale a ir des-existindo. O tempo anula as coisas: «Voa o tempo e vai, com seu discurso, annullando e consumindo as cousas»<sup>6</sup>. E assim, a glória, os bens materiais e a própria vida são e não são, como o próprio tempo. Existem des-existindo.

No mundo palpável, tudo tem o seu quê de mentira metafísica, digamos assim, e de ilusão. Passa tão depressa a vida que nos parece, às vezes, uma recordação de sonhos inconsistentes. Passa a vida e passam as coisas envolventes, por mais belas que pareçam, pois «engano mudo» é a formosura efémera<sup>7</sup>. Feira de falazes mercadorias é o mundo em que o homem se distrai e logo morre<sup>8</sup>, seta que voa, sombra que passa, sonho que enleia e prende<sup>9</sup>. No «mapa» do pobre coração humano, erguem-se «mil castellos de vento, armados sobre o ar», alargam-se cidades, províncias e reinos. Mas vem uma febre, uma tribulação ou qualquer doença e afundam-se as ilusões<sup>10</sup>. Apaga-se amanhã o que hoje nos alumia. Já se está apagando.

Neste mundo, ser e tempo desenvolvem-se em estreita simbiose. Qualquer mundividência alheia à penetração da morte na existência não passaria de visão mental alheia ao real. Tempo e existência, sobretudo existência humana, têm a mesma medida e chegam a confundir-se. Ambos efémeros, o tempo e a vida humana (pois desta se trata) prendem-se a um momento que absurdamente se vai substituindo a si mesmo, tendendo a memória a conservar a extensão já passada do que morreu e a previsão a tactear o futuro, no espaço ainda inexistente do que virá.

Em rigor, se tirassem à vida humana toda a recordação acumulada do passado e qualquer antevisão do futuro, quedaria unicamente um ponto inextenso e, por conseguinte, imperceptível em si mesmo. Nós, porém, projectamos no passado o que pela memória se torna presente. E assim nasce a extensão interior da vida humana, com antes, depois e durante, pois também projectamos no futuro o ainda não existente. No entanto, o presente é um ponto, só. Nem o passado nem o futuro existem como tais. O passado já passou, enquanto passado. Deixou de existir. Um animal rudimentar vive só o momento que passa. E o vegetal nem sequer tem consciência

---

<sup>6</sup> *Ib.*, p. 204.

<sup>7</sup> *Ib.*, p. 207.

<sup>8</sup> *Ib.*, pp. 258-260.

<sup>9</sup> *Ib.*, p. 299.

do tempo, embora o registre nos seus tecidos. Na linha do tempo, só o presente existe, ou melhor, vai existindo e des-existindo.

E que é o tempo? Ou mais absurdamente: Onde está o tempo? Em parte nenhuma. Nem sequer existe em si mesmo. Como já dissemos, o passado já passou. O futuro ainda não chegou. Entre os dois, como um *ponto consciencial* (digamos assim) entre o que foi e o que ainda não é, desloca-se o momento luminoso que parece destruir-se a si mesmo, continuamente. Porém, não se destrói, substitui-se sem quase darmos por isso. Quando dizemos *agora*, pensamos também no passado e no futuro, temos uma construção mental para além e para alguém do presente. Se quisermos ater-nos só ao momento rigorosamente presente, não o podemos fazer. Quando prestamos atenção, ele já passou e é outro o momento que sentimos.

Quer dizer, o momento equivale ao ponto matemático puro, não tem extensão e, por conseguinte, não existe, embora o figuremos na imaginação. Isso a que chamamos *agora* é já extensão de tempo passado. De passado e também do futuro que está chegando e a que podemos chamar futuro psicológico, por não existir objectivamente em si mas, sim, na própria consciência.

De modo que o tempo tem o seu quê de ilusão fugitiva, fogo-fátuo que em vão buscamos segurar, forma de ser em que o morrer regista a quantidade e a velocidade da vida. É e não é, chegar equivale a partir, pensar na sua existência actual é já recordar-nos.

Sob a influência directa ou indirecta das *Confissões* de Santo Agostinho, Frei Heitor Pinto analisa o tempo e, também ele, começa por reduzi-lo a objectivamente nada, falando pela boca dum matemático:

«Porque o tempo não tem senão duas partes, passado e futuro, que o instante, como dizem os Philósofos, não he tempo, mas hum ponto aonde se as partes ajuntão, porque, segundo sentença de todos os Mathematicos, o instante se ha com o tempo da maneira que se ha o ponto com a linha, porque tão indivisivel he hum como o outro, e pois o ponto não he linha, logo nem o instante he tempo. Assi que, pois o tempo não tem mais que duas partes, passado e futuro, e o passado já se acabou e o vindouro está por vir, parece que o não ha ahi, pois das quantidades sòmente aquellas se dizem ter existencia cujas partes tem ser em sua realidade»<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> *Ib.*, p. 74.

E que responde o jurista do diálogo? Diz que há tempo, sim senhor, «pois nós estamos no tempo» e o temos para falar à vontade. E tanto há tempo que o matemático afirma ter ele «duas partes juntas a hum ponto».

Porém tudo isto é iludir o problema do tempo em si e reduzi-lo à linguagem sensorial e comum. Nem diz o matemático que o tempo *tem* duas partes juntas. Diz que o tempo *é* onde as duas partes se juntam. Esquece o jurista que o tempo, como afirma Kirilov em *Os Demónios*, não é um objecto mas sim uma ideia. Não existe em si, como também não existe o ponto matemático.

Uma vez que o tempo se devora a si mesmo, numa série de aparências que se sucedem umas às outras, a vida está marcada pela morte e pelo sentido da ilusão do real. Neste mundo, é tudo sonho (*La vida es sueño...*) e os homens reduzem-se a meros actores, seja grande ou pequeno o papel que representam.

Temos, assim, o teatro da vida ou, se quisermos, o jogo de xadrez, com o rei, a rainha, bispos, cavalos e peonagem. Findo o jogo, atiram-nos para o saco, como se não tivessem importância. Não eram rei, nem rainha, nem bispos, nem peões. Representavam de rei, de rainha, etc. Estamos no reino-de-fazer-de-conta.

Frei Heitor Pinto insiste bastante nesta concepção da vida ilusória como jogo e teatro. Concepção lúdica para os resultados neste mundo efémero, em que tudo é passar. Concepção trágica e realíssima para a outra margem do rio, onde o nosso jogo atinge consequências eternas.

O frade jerónimo não escolheu por acaso o jogo de xadrez e o teatro para representarem a vida humana. Sabe o que está a fazer. Com efeito, ao menos no teatro salva-se o carácter real das figuras (pessoas de carne e osso), embora o seu papel se reduza a função efémera. E a sua importância resume-se numa pobre farpela (resume-se, ou melhor, simboliza-se) que se despe ao sair do palco da vida. Existiam, sim, mas como simples actores.

As pessoas de alto coturno lembram o imperador do populacho, na festa de Pentecostes, pobre homem com os seus pagens, o seu trinchante-mor, o seu mordomo e a sua corte. Acabada a festa, volta o imperador a ser o que era, quase coisa nenhuma:

«A prosperidade do mundo he como imperio de Pentecoste de aldea, que se costuma em Portugal, ou como o rey da fava que se costuma em França, que não dura mais que hum dia ou dous. Hum lavrador fazse Emperador, servemno de giolhos, levãolhe

a salva, fallãolhe por magestade, está vestido às mil maravilhas; acabada a festa, torna os vestidos a cujos são e fica tão aldeão como dantes, tão baixo e abatido como sempre fora. Assi os poderosos do mundo, em quanto nelle vivem e lhes dura o poder, são servidos e estimados e triunfão na vida, em quanto a tem. Mas acabado o Imperio, consumida sua prosperidade, fenecida sua vida, são vestidos em hum lençol, e às vezes roto, e mettidos na terra entregues aos bichos»<sup>11</sup>.

O «lavrador» representava de imperador, porque a vida é teatro. Pensa um que é rei. Outro que é duque. Outro que é juiz. Outro que é imperador. Acabada a representação, o rei fica sem coroa e vai talvez dormir num pobre quarto. O duque sai do palco e já ninguém o trata por Dom. O juiz depõe a toga e fica igual aos outros, se acaso não se vai sentar no banco dos réus. O imperador acha-se sòzinho, sem império e sem dinheiro. Assim na morte. Cada qual depõe as insígnias da grandeza e do poder mundanal, quando não as insígnias da miséria que são os farrapos do mendigo. O cavador atira para o lado a enxada. O carpinteiro a enxó. O ferreiro o malho e a bigorna. O peregrino a escudela, o bordão e a esclavina. Quedam todos nivelados pela morte e completamente nus do que eram e do que faziam neste mundo, sem a grandeza que levanta nem a miséria que rebaixa, desnudos como nasceram e carregando só as boas ou más obras, o terem representado bem ou mal diante de Deus. Acabou a representação e resta unicamente o homem-igual-a-todos. Se há diferença, não vem ela da grandeza do papel representado mas, sim, do modo como se representou. Quem neste mundo fez de mendigo bem pode ser que receba maior prémio do que o que fez de rei, se por acaso melhor desempenhou o seu papel.

Esta é a trave de *El Gran Teatro del Mundo*, de Calderón de la Barca<sup>12</sup>. Herdou-a este das gerações que o procederam, dos espirituais cujo pensamento impregnava o ar e a vida do séc. XVI da Península Ibérica. Frei Heitor Pinto era um desses espirituais.

Na verdade, a identificação da vida como teatro (e por consequência, como ilusão) repete-se ainda no *Diálogo dos verdadeiros e falsos bens*, entre um fidalgo e um mestre teólogo. O mundo, diz o mestre, assemelha-se a farsa de figuras diversas. No final, despe

---

<sup>11</sup> *Ib.*, p. 289.

<sup>12</sup> MÁRIO MARTINS, *Introdução Histórica à Vidência do Tempo e da Morte*, t. 2, Braga 1969, pp. 60-79.

cada um o que não lhe pertence e servia para representar, ficando a ser o que na realidade era: «O mundo he como hũa farça aonde entrão diversas figuras, hũas de principes e nobres, outras de mecanicos e lavradores; e acertase que os mecanicos entrão por figuras de nobres e os nobres por figuras de mecanicos. Dura isto em quanto dura o auto; elle acabado, fica cada hum no que era. O que representava a figura de principe hia com vestidos alheyos, hum lhe emprestara o sayo, outro a cappa, outro a gorra; acabada a festa, cada hum levou o seu e elle ficou sem nada, e donde entrara por principe fica alfayate, como dantes era; assi o mundo trastorna as cousas, a huns derriba, a outros levanta»<sup>13</sup>.

Quer dizer, antes de morrer, vai morrendo o homem para muitas coisas, ora representando a farsa do homem feliz, ora a tragédia do desgraçado, a princípio talvez com o papel de pedreiro, depois de mestre-de-obras, finalmente de milionário ou, quem sabe?, de empreiteiro arruinado a pedir esmola, à espera que Deus o tire de vez do palco da vida. Então, sim, já não tornará a desempenhar papel nenhum, grande ou pequeno. Entrou, por fim, no reino da verdade depois de viver neste mundo-de-fazer-de-conta.

Esta concepção da vida como teatro, tão enraizada na Dança Macabra, não se reflecte sòmente em Shakespeare e Calderón de la Barca. Vamos encontrá-la, por exemplo, no Padre Manuel Bernardes<sup>14</sup>: «a vida humana he hum theatro com duas portas, huma defronte da outra: pela primeyra entramos todos a fazer o nosso papel, huns diante dos outros, ou para melhor dizer, todos diante de Deos; pela segunda, sahimos todos, depois de haver representado. Huma entrada temos todos para a vida; e assim mesmo, uma sahida»<sup>15</sup>. Por isso ordena Calderón de la Barca, em *El Gran Teatro del Mundo*, que no lugar da representação haja duas portas. Uma delas com um berço pintado. E a outra com um esqueife: «...con dos puertas: en la una pintada una cuna, y en la otra un ataud».

Passemos, agora, ao jogo de xadrez, outra imagem da vida que parece ser mas não é. Rei, rainha, bispos, etc., depois do jogo vão todas as figuras para o saco e ali ficam iguais, embora no jogo tivessem diferente valor. O saco é a morte. Bem ou mal vestido, embrulhado em holanda ou em burel, a morte é a mesma para

<sup>13</sup> FREI HEITOR PINTO, *op. cit.*, p. 603.

<sup>14</sup> MÁRIO MARTINS, *op. cit.*, t. 2, Lisboa 1969, pp. 235-240.

<sup>15</sup> MANUEL BERNARDES, *Exercícios Espirituais e Meditações*, t. 1, Lisboa 1731, p. 392.



todos e igual a cinza que nós somos: «E ainda que neste mundo huns tem mais, outros menos, huns são senhores, outros servos, huns reys, outros lavradores, todavia tão cinza são huns como outros. Cinza enfronhada em olanda e cinza mettida em sacco de liteiro, tudo he cinza; tão cinza he a vestida de fina seda como a cuberta com grosso burel. Bem que em quanto dura a vida, huns tem mais valia entre os homens, outros menos, mas na morte todos são iguais. No jogo do xadrez, ha diversas peças, rey, roque, piães, e outras muytas, e em quanto dura o jogo, hũas valem mais, outras menos; mas o jogo acabado, todas as peças são misturadas sem differença e igualmente mettidas no sacco dos trebelhos, e como os mayores pesão mais, elles são os que pela mayor parte se vão primeiro ao fundo. Bem assi em quanto dura esta vida, huns são de mais alta qualidade e excellente lustre que outros, huns são principes, outros vassalos, huns fidalgos, outros piães, mas acabada, todos são tornados em terra, sem differença, e igualmente mettidos nesse sacco da sepultura»<sup>16</sup>.

Vem isto no *Diálogo da lembrança da morte*. E mais adiante, no *Diálogo da tranquillidade da vida*, no capítulo do Dia do Juízo, repete Frei Heitor a mesma comparação das figuras do xadrez, mas em sentido inverso, primeiro no saco dos trebelhos, como ele diz, e depois no tabuleiro. Esta vida é o saco, onde tudo anda misturado e fora do seu lugar. Mas no Dia do Juízo, colocará Deus cada peça no devido sítio, dando a cada um o que merece: «Assi como as peças do xadrez, mettidas na bolsa, todas estão envoltas e emborilhadas, os cavallos com os roques, os reys com os piães, mas sahidos do sacco os trebelhos e postos no tabuleiro do jogo, assentandose cada hum em seu lugar, logo se conhece o rey por rey e o pião por pião e o que cada hum anda e pode e quanto cada hum val, assi neste mundo estão misturados bons e maos, grandes e piquenos, aonde havião de estar huns estão outros: os nécios tem muitas vezes o lugar que havião de ter os sábios, os sensuaes estão aonde devião de estar os honestos, os vagabundos usurpão o que se deve aos recolhidos, os vãos e presumptuosos alcanção por ambição o que por justiça era dos humildes e modestos, os desbaratados e viciosos possuem o que he devido aos temperados e justos. Enfim, quasi tudo no mundo anda trocado e pervertido e assi não se conhece bem quem he cada

---

<sup>16</sup> FREI HEITOR PINTO, *op. cit.*, p. 217.

hum. Porém, sahidos do sacco do mundo, no dia do juízo, quando cada hum for entabolado no jogo da outra vida e cada peça for posta em seu lugar, os bons à mão direita, os maos à esquerda, os bons na cadeira do Ceo pera sempre, os perdidos nas penas do Inferno sem fim, então serão conhecidos huns e outros»<sup>17</sup>.

Em resumo, jogo e sonho é a vida, realidade-ilusão, teatro em que mais representamos do que somos. Viver equivale a ir morrendo e as coisas assemelham-se a sombras que não existem por si mesmas. São e não são, como o cavalo do xadrez que «não tem de cavallo mais que o nome»<sup>18</sup>.

Hoje, as pessoas parecem existir. Amanhã, levou-as o vento. Onde estão Júlio César e Alexandre Magno? Onde pára a sua glória? Como a hera de Jonas, nasceram pela manhã e secaram à noite, porque transitório é o homem, quer dizer, está passando. Escoa-se o tempo e Deus substitui uns homens por outros, como quem muda um vestido<sup>19</sup>. Tudo é provisório, ornamentação brilhante duma festa que depois se põe de lado<sup>20</sup>.

Se tudo está passando e morrendo, pois viver é tirar anos de vida, como se concebe então que os homens se deixem iludir? Os mais deles prendem-se ao instante e nele se confinam, não por razões de ordem filosófica ou matemática, mas, sim, por motivos de ordem sensual. Fixam-se no instante, sorvem o mel do momento e nele se resumem, quer dizer, não atendem a mais nada. E aqui surge a velha parábola oriental que entrou na língua espanhola através da tradução do *Calila y Dimna* e em Portugal (embora com variantes) por meio da *Vida de S. Barlaão e S. Josafá*, surgindo no *Horto do Esposo*, nos começos do séc. xv, de autor anónimo mas decerto português:

«Contao Damasceno e refereo S. Antonino nas partes theologaes, que indo hum homem fugindo de hũa serpente, deu consigo em hũa cova profunda, e indo ja caindo, pegouse com as mãos a hũa arvoresinha, que estava à entrada da cova, e firmou os pés em hum terrão que se levantava algum tanto pera fora em hũa bocca que a terra alli fazia. E em baixo, no fundo da cova, estavam huns leoens famintos pera o comerem; e ao pé da arvoresinha, andavão bichos

---

<sup>17</sup> *Ib.*, p. 349.

<sup>18</sup> *Ib.*, p. 369.

<sup>19</sup> *Ib.*, pp. 387-388.

<sup>20</sup> *Ib.*, p. 240.

brancos e pretos, rodeandolhe o pé. Elle não attentando pera o remedio que havia de ter pera não cair em poder dos leoens, olhou pera hum ramo da piquena árvore e, vendo nelle hum pouco de mel, se poz de vagar a comello. E estando elle naquelle falso contentamento, causa de seu danno, foi a árvore roida e elle deu comsigo no fundo, em poder dos leoens, aonde totalmente se perdeo. A serpente he a morte que nos segue; passageiros somos na terra, pouco ha que aqui chegámos e já partimos. A arvoresinha he a vida, o terrão o corpo, o fundo da cova o Inferno, os leoens os demonios, os bichos que, pouco a pouco, vão roendo o tronco da vida, huns brancos outros pretos, são os dias e noytes que vão consumindo a idade, o favo de mel he o vão contentamento do mundo e sua deleytosa e pestilente vaidade»<sup>21</sup>.

Quer dizer, o deslumbramento sensual (a gota de mel) não nos deixa tomar conta do dramático passar do tempo, nem sentir a aproximação da morte, que arrancará, pela raiz, a árvorezinha da vida a que nos agarramos.

A mundividência de Frei Heitor Pinto, sobretudo a concepção da vida como teatro, havia de ter certa ressonância. De facto, vamos encontrar um eco seu numa carta de Goa, escrita a 3 de Dezembro de 1583, pelo jesuíta Fúlvio de Gregori. Fala-nos ele, precisamente, da festa teatral do *imperador*, celebrada na nau em que veio para a Índia, pela festa de Pentecostes ou do Espírito Santo. Não transcrevemos essa passagem em italiano estropiado, por ser de fácil consulta.

Costumam os portugueses, escreve ele, eleger um imperador pela festa de Pentecostes e assim aconteceu também nesta nau. Com efeito, elegeram um menino para *imperador*, na vigília de Pentecostes, no meio de grande aparato. Vestiram-no depois ricamente e puseram-lhe na cabeça a coroa imperial. Escolheram também fidalgos para seus criados e oficiais às ordens, de modo que o capitão foi nomeado mordomo da sua casa, outro fidalgo foi nomeado copeiro, enfim, cada um com o seu ofício, à disposição do *imperador*. Entraram nisto até os oficiais da nau, o mestre, o piloto, etc. Depois, no dia de Pentecostes (ou Páscoa do Espírito Santo), trajando todos a primor, fez-se um altar na proa da nau, por ali haver mais espaço, com belos panos e prataria. Levaram, então, o *imperador* à missa, ao som de música, tambores e festa, e ali ficou sentado numa cadeira de veludo com almofadas, de coroa na cabeça e ceptro na mão,

---

<sup>21</sup> *Ib.*, pp. 259-260.

cercado pela respectiva corte, ouvindo-se entretanto as salvas de artilharia durante a missa. A seguir, veio o banquete, em que os fidalgos serviam o *imperador*, apesar de ele não pertencer à nobreza. E também o serviam o copeiro, o trinchante, etc. Comeram depois os cortesãos do *imperador* e, por fim, serviram toda a gente ali embarcada, à volta de trezentas pessoas<sup>22</sup>.

Eram *imperadores* de-fazer-de-conta, tornados símbolo da glória que pouco dura e do poder que passa. Por isso, aos governadores da Índia, cujo mandato só durava três anos, chamavam alguns «emperadores de Pimtecoste»<sup>23</sup>.

Tudo, agora. Em breve, coisa nenhuma! Andava este pensamento estreitamente unido à Dança Macabra. Como uma sombra, passava a glória mundanal. E tal verdade pusera-a em relevo certo escritor português, diz Fúlvio de Gregori, que compara o mundo a este «imperador de um dia»: *Onde uno scrittore portoghese assomiglia questo mondo a questo imperadore d'un giorno*<sup>24</sup>.

Não diz o nome, mas trata-se de Frei Heitor Pinto, na *Imagem da Vida Cristã*, bastante divulgada e com várias edições anteriores a 1583. Basta ler a passagem transcrita por nós, nas primeiras páginas deste trabalho.

Para terminar, acentuamos que a mundividência de Frei Heitor Pinto, no seu conjunto, sob o signo do permanente morrer da vida, anda longe de ser lúgubre, embora exija corajosa lucidez.

Poucos escritores portugueses falaram tão bem da beleza do mundo<sup>25</sup> e da sabedoria discreta que leva o homem a manter a harmonia interior, no remanso da vida contemplativa, cantada ao tempo pelos versos de Fray Luis de León. Nada tão belo como viver à parte, entre bons livros e paisagens amenas, na companhia de pessoas amigas de filosofar docemente, à maneira dos diálogos augustinianos de Cassiaco.

Cita Tomás Morus<sup>26</sup> e admira Miguel Ângelo e Francisco de Holanda<sup>27</sup>. A vida ermitica, na sua pena, tem encantos de religiosa primavera, sob a influência de Petrarca, em *De Vita Solitaria*:

---

<sup>22</sup> *Documenta Indica*, t. 12, Roma 1972, p. 881.

<sup>23</sup> *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente*, t. 9, Lisboa 1953, p. 536.

<sup>24</sup> *Documenta Indica*, t. 12 (Roma 1972) p. 881.

<sup>25</sup> FREI HEITOR PINTO, *op. cit.*, p. 209 e *passim*.

<sup>26</sup> *Ib.*, p. 87.

<sup>27</sup> *Ib.*, p. 198.

«Levantase hum solitário, acordando às vezes ao tom dos rousinoes e outras aves músicas que, em amanhecendo, o esperão com suas alvoradas e suaves cantos, com que estão louvando ao Creador; e em se erguendo, a primeira cousa que faz he encomendarse a Deos e ocupar-se em seus louvores e, pondo os olhos no Ceo, suspirando pela pátria celestial, resa o Officio Divino e satisfaz as suas costumadas meditações e contemplações, e com isto ceva seu coração, deleitandose grandemente com o suave pasto do espírito. Que gosto ha no mundo que se possa comparar com este da vida solitaria?»<sup>28</sup>.

Gostava de Petrarca e doutros escritores italianos que nada tinham de asceticistas<sup>29</sup>, entre eles Nicolau de Cusa e o «Conde João Francisco Mirandulano» ou Pico della Mirandola, afirmava que a alma era bela<sup>30</sup> e que, de todos os animais, só o homem mantinha a linha vertical<sup>31</sup>. Esclarece bem o significado ambíguo da palavra mundo<sup>32</sup>, distinguindo entre mundo-pecado e mundo-natureza, cuja bondade ninguém deve ousar pôr em dúvida. Tece o elogio da formosura e, a partir dela, faz uma ascensão para Deus<sup>33</sup>, sua fonte e origem. Se falava do tempo, da morte e da ilusão do real deste mundo, fazia-o para nos levar ao amor da beleza suprema.

Não se queixa ele da beleza do mundo, mas, sim, de ser pouca e por pouco tempo. Petrarca, um dos seus mestres, também dizia: *La vita fugge e non s'arresta un'ora*. E noutro lugar: *Cosa bella mortal passa e non dura*. E o poeta Marini recordava que do berço ao túmulo pequena era a distância: *Dalla cuna alla tomba è un breve passo*. Nenhum deles, porém, vivia divorciado da vida. E Frei Heitor Pinto também não. Mas sentia por outro lado que, neste mundo, o tempo é a medida efémera de tudo. E que a vida é sonho de que despertamos na morte, jogo de Deus na terra dos homens, ser e não ser, uma realidade marcada pela ilusão.

MÁRIO MARTINS

---

<sup>28</sup> *Ib.*, p. 187.

<sup>29</sup> *Ib.*, pp. 94, 138, 187, 608, 191, 278, 298, 367, 381.

<sup>30</sup> *Ib.*, p. 25 e *passim*.

<sup>31</sup> *Ib.*, p. 30.

<sup>32</sup> *Ib.*, pp. 209, 210.

<sup>33</sup> *Ib.*, pp. 606, 614.